

## **COLUNA: FALA, PROFESSOR!**

### **A ESPIRITUALIDADE DE DEZEMBRO**

Até onde nos é possível saber, o humano é a única espécie vivente que tem consciência da ciclicidade do tempo. Certamente, antes de alcançar sua infinita capacidade de explorar e de teorizar a experiência, deve ter desenvolvido sua sensibilidade observando os fenômenos da natureza.

A partir da percepção das diferentes formas de manifestação da natureza, foi se dando conta de que há um eterno retorno: nascimento, vida e morte. Também passou a perceber e registrar a sequência cíclica da temperatura: quente, amena, fria, amena e quente.

A espécie humana não ficou apenas restrita à percepção das características de cada período. Deu nome e criou símbolo que os identificassem. Com isso, foi organizando seu calendário e rituais, numa sequência de horas, dias, semanas, meses e anos. A um conjunto de horas, deu nome de dia; de dias; semana; das semanas, mês; dos meses, ano. Da luta diária, o descanso da noite; da luta semanal, o descanso semanal; da luta mensais, o descanso, anual.

A civilização Cristã Ocidental consagrou o final de dezembro e o início de janeiro para serem o pico da montanha do tempo. Desse modo, Natal e “1º de Janeiro” são embrulhados no mesmo pacote de festividades. O primeiro é um convite à entranha do ninho familiar; o segundo, ao sentimento de fraternidade; ambos, a reforçar o sentimento de limite e ciclicidade da condição humana.

Assim, ao alcançar o ponto mais alto do topo da montanha, condição limite, a pedra sacrificial do tempo despenca ladeira abaixo até atingir o marco zero do eterno retorno (ciclicidade). A partir daí, a pedra reinicia sua escalada civilizatória ao pico, injetada pela velada batalha de todos contra todos na árdua guerra da sobrevivência.

Especula-se muito sobre a origem da escolha da data natalina do menino Jesus. A Bíblia oferece poucas pistas para uma inferência segura. Sabe-se que foi o papa Júlio I que, em 350 A.D., que fixou a data de 25 de dezembro para a comemoração do Natal. Porém, o primeiro registro escrito da celebração natalina é de 25 de dezembro de 354 A.D.

A escolha das duas datas está relacionada às festas pagas. Nesse período, a tradição religiosa romana celebrava o advento do inverno, renovando o culto ao Deus Sol. As festividades expressavam o espírito de gratidão e, ao mesmo tempo, de renovação das esperanças. O inverno rigoroso também deveria ser um tempo de recolhimento e de (re)energização das forças físicas e espirituais.

A data de 1º de janeiro, como o “Dia do Ano-Novo”, foi instituída pelo Imperador Júlio César, 46 a.C. Como parte da adaptação, assimilação e acomodação política e religiosa, paulatinamente, as celebrações romanas passaram a fazer das festividades cristãs. No primeiro dia do ano, os romanos festavam em celebração ao deus Jano, o guardião portões.

Mas, foi o Papa Paulo VI, em 1967 que deu um caráter religioso. Ele instituiu o dia 1º de janeiro como o “Dia da Confraternização Mundial e Dia Mundial da Paz”. Depois, a iniciativa do Papa Paulo VI foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas. Com isso, a data foi universalizada com o objetivo de promover a fraternidade entre as nações, independentemente das diferenças religiosas e culturais.

Estamos em dezembro. Em meio ao corre-corre, tentamos dar um adeus às lutas do ano findo. Ao mesmo tempo, preparamo-nos para as celebrações de final de ano. Por outro lado, observa-se um sentimento generalizado de que dezembro é um mês especial e cheio de espiritualidade.

Dessa espiritualidade, emana um potencial inesgotável de sentimentos de amor, saudade e confraternização. No centro dela, o Natal do menino Jesus. Portanto, trata-se de um período carregado de energia sentimental e de renovação dos nossos sonhos e esperanças.

As mentes, que acolhem com resignação e serenidade o Espírito Natalino, inflam a alma de paixão pela vida. Com isso, também se preparam para enfrentar, com sabedoria e determinação, a árdua escalada da pedra sacrificial, morro acima, no curso diário do ano vindouro.

Enfim, que nossas mentes estejam irmanadas e apetitosas de se alimentar da Fonte deste Poder Espiritual Natalino. Boas Festas!

**Rubens Galdino da Silva**

**Jornalista, professor e articulista do “Jornal da Segunda (JS)” - Semanário**

**Assis, edição n. 1.348, 09-16/12/2024**